

Como entender o risco de suas aplicações financeiras?

Você tem medo de perder o dinheiro que você aplicou? A resposta a essa pergunta é bem simples: *todos têm*. O perder ou não perder está de acordo com a livre decisão de cada investidor consciente de se expor a um investimento financeiro no qual há expectativa de ganho, mas sabendo que existe possibilidade de algo errado ocorrer e frustrar o ganho esperado.

E para ajudar a espantar nossos medos não há nada melhor como a informação e a educação financeira. Grande parte das pessoas não investe porque teme correr riscos. Verdade seja dita, deixar o tempo passar e ficar esperando o melhor momento para começar a planejar seu investimento financeiro é o maior risco que você pode correr.

O risco a principio parece um elemento surpresa e incontrolável. Em verdade, ele existe sim e deve ser controlado. Ele está por ai. O Instituto Assaf faz aqui algumas explicações de como se enxerga o risco em investimentos financeiros.

O início de tudo é ter consciência de que não há como evitar, por completo, o risco. A incerteza diante da escolha de uma aplicação financeira se dá pelo desconhecimento de eventos externos que podem afetar o resultado futuro. Todavia a incerteza é diferente de risco. Essa incerteza é uma condição necessária, mas não suficiente para definir o risco.

Existe incerteza quando da dúvida sobre ocorrência de um evento: chove ou não chove, por exemplo. Ao se quantificar a incerteza através do uso de medidas numéricas, conhecida na matemática como teoria da probabilidade, define-se então o risco.

Risco é normalmente definido como reflexo de eventuais variações na distribuição dos retornos possíveis de uma aplicação, com as suas probabilidades e com os seus valores.

Enganam-se quem pensa que não está correndo risco ao investir na caderneta de poupança. No longo prazo é provável que o retorno da poupança não supere a inflação, ou fique bastante próximo dela. Na prática isso significa que, ao investir na poupança, você corre o risco de não recompor em seu investimento nem a inflação do período.

Entendido? A compreensão de que nem a poupança é risco zero é o primeiro passo para superar o medo de investir.

Sabendo que risco existe, é importante avaliá-lo no contexto de vantagens e desvantagens. Isso porque para ganhar mais será preciso correr mais riscos. Em outras palavras, pode-se dizer que risco e retorno andam de mãos dadas. Mas cuidado, correr mais riscos não é garantia de mais retornos, e sim de que existe uma probabilidade maior de retorno.

Ao aplicar seu dinheiro em um CDB, por exemplo, o maior risco que se corre é de que o banco que emitiu o CDB fique inadimplente, ou seja, que o banco quebre antes de pagar seus clientes. Nesse caso, a aplicação tem a garantia do Fundo Garantidor de Crédito (FGC), vinculado ao Governo Federal, até um valor máximo de R\$ 20.000,00 por CPF.

Os títulos públicos são papéis emitidos pelos governos federais, estaduais ou municipais. Um dos principais objetivos dessa emissão é poderem financiar as suas dívidas, pagando remuneração com taxas prefixadas ou pós-fixadas. Os riscos dos títulos públicos é o risco dos governos não honrarem os compromissos assumidos.

Os investimentos em imóveis são investimentos de valores que variam muito com o mercado. O risco dessa aplicação está na liquidez do investimento. Vender um imóvel não se faz da noite para o dia, com raras exceções.

A aplicação em ações é um dos investimentos mais atraentes e também de mais alto risco. Para começar a aplicar na bolsa de valores o investidor tem que se conscientizar que existem chances de perder todo seu dinheiro, pois o mercado de ações é de renda variável, isto é, pode variar tanto positivamente quanto negativamente. O risco do mercado de ações está justamente neste ponto. A variação dos rendimentos é muito alta.

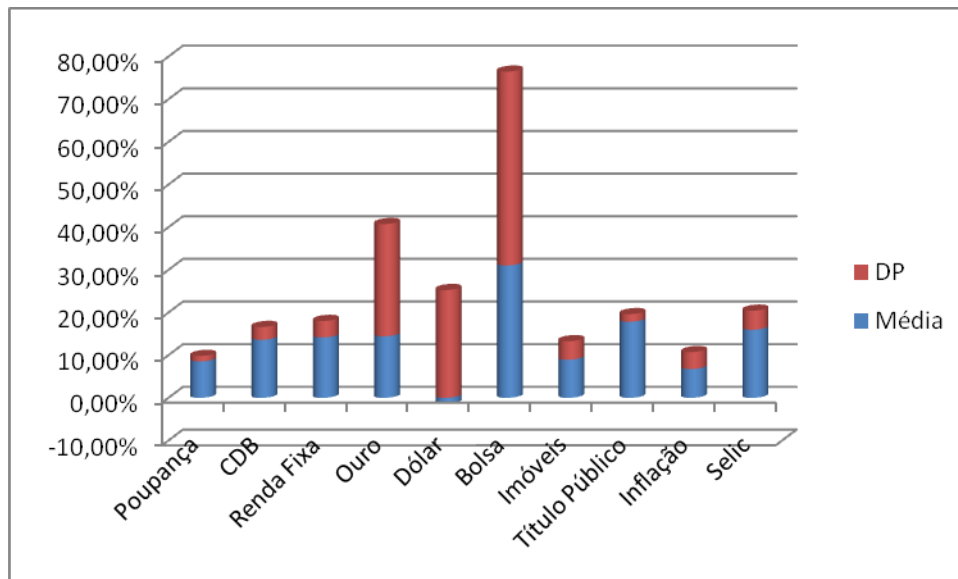
A verdade é que a percepção de risco não é a mesma para todas as pessoas. Além da tolerância ao risco, o perfil de investidor também avalia a sua capacidade de assumir riscos. Muitas pessoas podem até estar dispostas a isso, mas a sua situação financeira não permite, pois não têm uma reserva para eventuais emergências.

Quantificando o risco

Quantificar o risco significa definir uma medida do tamanho da possível variabilidade do retorno. Essa medida é um valor estatístico conhecido como desvio padrão (DP), que mede a dispersão dos

possíveis retornos de um investimento em relação do seu valor médio.

O gráfico a seguir ilustra os valores médios dos retornos dos principais investimentos financeiros disponíveis no Brasil, no período de janeiro de 2002 a dezembro de 2009 e também o desvio padrão (DP) dos rendimentos anuais de cada tipo de aplicação.



Observe que aplicações como ouro, bolsa e dólar são os investimentos mais arriscados. Os rendimentos da bolsa variaram entre o mínimo de 41,22%, que ocorreu em 2008, e o máximo de 97,30%, que ocorreu em 2003. Já o dólar, variou entre o mínimo de 25,32% no ano passado, e o máximo de 43,46% em 2002. Se observarmos os fundos de renda fixa, por exemplo, a variação foi de um mínimo de 10,02% em 2009 e máximo de 21,23% em 2003. Observem que a variação da renda fixa é bem menor do que o da bolsa e do dólar.

Qual a saída então?

Diversificação! Essa é a melhor opção. Diversificar significa obedecer ao velho conselho da vovó: nunca colocar os ovos numa mesma cesta. Ou seja, a recomendação é colocar o seu dinheiro em aplicações distintas. Todavia, há limites. Diversificar demais para quem tem pouco dinheiro pode implicar em custos excessivos, já que diversas modalidades de investimentos cobram taxas de administração. E, para quem tem muito, pode dificultar a gestão dos recursos.

O segredo é escolher aplicações que sejam efetivamente distintas. Lembre-se, aplicar em CDB e fundo DI, por exemplo, não é diversificar, pois o risco a que você se expõe é quase o mesmo. Em caso de dúvida procure sempre um profissional.

Por último, não se esqueça: não há como fazer o seu patrimônio aumentar de forma adequada sem assumir riscos.

INSTITUTO ASSAF
www.institutoassaf.com.br